

NOÇÕES BÁSICAS DE ORIENTAÇÃO E USO DA CARTOGRAFIA
NO ENSINO DA 5ª SÉRIE

* Gelson Antonio Capeletto

**Glaucio José Marafon

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é analisar os meios de orientação e os meios cartográficos, como também sugerir propostas que poderão ser utilizadas pelos professores de Geografia em sala de aula, para desenvolver os conteúdos na 5ª série do 1º grau. Analisando-se os programas e os livros didáticos utilizados, percebe-se que no dia-a-dia das escolas, ocorrem semelhanças na forma de abordagem dos conteúdos, estando o ensino da Geografia dissociado da realidade e do interesse dos alunos. Por isso acredita-se que é preciso fazer uma reformulação geral nos conteúdos de Geografia, com o intuito de acompanhar a evolução do homem na sociedade.

Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivos:

- contribuir com novas formas de abordagens dos elementos básicos de orientação e cartografia;
- verificar como as noções de orientação são ensinadas aos alunos da 5ª série;
- analisar a metodologia empregada nos livros didáticos da 5ª série.

* Licenciado em Geografia pela UFSM (Santa Maria-RS) e bolsista de aperfeiçoamento B pelo CNPq.

**Orientador - Departamento de Geociências (UFSM - Santa Maria-RS).

1 - ANÁLISE DOS PROGRAMAS ESCOLARES E DOS LIVROS DIDÁTICOS DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

1.1 - Programas Escolares

Para atingir o propósito de conhecer os programas e os livros didáticos utilizados em 1989, foram selecionados quatro escolas estaduais do Município de Santa Maria e distribuídas da seguinte maneira:

- Escola A - Escola Estadual de 1º e 2º Graus, localizada em bairro central;
- Escola B - Escola Estadual de 1º Grau, localizada na periferia urbana;
- Escola C - Escola Estadual de 1º Grau, localizada em um distrito do Município;
- Escola D - Escola Estadual de 1º Grau, localizada em um bairro.

No geral, os programas se apresentam divididos em várias partes, que podem ser assim enumeradas: os objetivos a serem atingidos; o conteúdo a ser ministrado; as atividades de aprendizagem a serem fornecidas; as estratégias de ensino a serem empregadas; as medidas de avaliação a serem usadas.

Confrontando os programas citados, observou-se que as unidades que abordam a parte cartográfica e os meios de orientação, inserem-se dentro de uma perspectiva tradicional da geografia, onde predomina a memorização de conceitos e é feita uma rápida abordagem sobre a utilidade da parte cartográfica e os meios de orientação.

Pode-se comprovar a afirmação citando-se alguns tópicos dos programas, como:

- A Paisagem Geográfica;
- Formas de Representação da Paisagem.

O programa insere-se na perspectiva tradicional, por estudar a paisagem, e não o espaço.

Os assuntos são apresentados de uma forma estanque, não deixando perceber que existe complementariedade entre eles; cada tópico de unidade se esgota nela mesmo.

De acordo com MORAES (1989:118):

"Os currículos e a maioria dos livros didáticos ainda informados pela perspectiva tradicional. Os professores atônitos frente a 'pacotes' teóricos renovados, cujas propostas lhes parecem impenetráveis ou de tênues relações com a matéria que ministram."

Em sua maioria, os conteúdos são trabalhados com métodos tradicionais, cujo principal objetivo é a transmissão de conhecimentos que os alunos deverão memorizar, não se explicando ao aluno o valor, o uso ou a importância dos conteúdos. Eles são trabalhados isoladamente, sem que se faça uma relação entre eles ou com a vida dos alunos.

A abordagem desses conteúdos não deve limitar-se somente à descrição de conceitos, deve ir além disso. Deve-se procurar transmitir aos alunos que os meios de orientação são necessários no dia-a-dia, ensinando-lhes como orientar-se no espaço geográfico. De acordo com VESENTINI (1987:72):

"O professor que pretender introduzir no ensino uma geografia crítica deve aprender constantemente, evitando as idéias preestabelecidas que limitam a percepção do real. Uma das principais características do autoritarismo, no plano do saber e das mentes submissas e conservadoras, é adenegar o novo, o não pensado. Aqui se busca reduzir tudo ao que já se teorizou, pois se tem medo da mudança, da incerteza, do novo. Portanto, o professor conservador, mesmo sem querer, impede a criatividade do aluno, impede que se possa pensar o novo."

1.2 - O livro didático

Nenhuma das escolas adota livro-texto para os alunos. Os professores se apóiam em diversos livros que servem de base para o seu trabalho em sala de aula.

Os livros mais utilizados são:

- MOREIRA, Igor. Geografia Nova - Iniciação à Geografia, 5ª série, 16. ed., São Paulo, Ática, 1989;
- LUCCI, Elian Alabi. Geografia geral, astronômica, física, humana e econômica. 5ª série, 6. ed., São Paulo, Saraiva, 1985.

Os referidos livros se inserem na perspectiva tradicional pela forma de apresentação de seus conteúdos e

pela maneira com que orientam e utilizam a representação cartográfica.

As escolas visitadas, além dos livros citados, usam ainda as obras dos seguintes autores: Melhen Adas, Zorai-de Victorello Beltrame, Celso Antunes, Vital Darós, Victor Campanella, Antônio Marum e o Atlas Geográfico de Simineli e Biasi que, em sua maioria, se enquadram na perspectiva tradicional.

Analisando os livros didáticos usados na 5ª série dessas escolas, observa-se uma certa padronização no tocante ao estudo dos meios cartográficos e dos meios de orientação, que são abordados sempre de maneira muito abstrata.

Na maioria das vezes, o aluno não atingiu o grau de abstração suficiente para entendê-los, pelo fato de, nas séries anteriores, não ter vivenciado concretamente esses conteúdos e não fazer idéia de como utilizá-los.

O livro didático tornou-se um dos recursos mais conhecidos e utilizados pelo professor em sala de aula. Segundo OLIVEIRA (1989:137):

"O livro didático tornou-se a 'bíblia' dos professores e nem sempre as editoras colocam no mercado livros com um mínimo de seriedade e veracidades científicas. A grande maioria contém erros grosseiros cuja identificação certamente daria para escrever um livro."

Verifica-se, na abordagem dos conteúdos analisados, que a maior parte dos livros didáticos de Geografia não apresentam um pensar crítico acerca dos temas cartográficos e dos meios de orientação, ou seja, apresenta-se através da simples memorização de conceitos. Os conteúdos são trabalhados isoladamente e com pouca relação com a realidade do aluno.

A abordagem centra-se numa geografia meramente descritiva, fazendo com que o aluno memorize conceitos. Observa-se, também, que a maior parte desses livros de Geografia, editados nos anos de 1985, 1987 e 1989, mantém sempre o mesmo conteúdo didático. Apresentam apenas a troca de capítulos ou mesmo de algumas palavras, mas nunca levando em conta a relação do aluno, vivenciada dia a dia,

perante esses meios cartográficos e orientacionais. Com isso, os livros didáticos de Geografia ficam devendo, tanto aos professores como aos alunos, uma visão mais comprometida com a realidade.

Outro aspecto observado é que os referidos livros tratam os conteúdos como prontos e como verdade absoluta, não estimulando a criatividade nem valorizando as idéias dos alunos.

O que ocorre, em muitas escolas, é que o livro-texto direciona o método e o conteúdo das aulas de Geografia. Assim, é necessário que o professor tenha consciência da necessidade de uma reflexão crítica sobre o conteúdo que melhor servirá para conduzir o aluno a agir como sujeito em sala de aula. Com isso, evitará de apresentar conteúdos abstratos, sem sentido para a realidade cotidiana do aluno, como também evitará fazer repetição pura e simples de um livro-texto.

Em consequência das falhas apontadas, ocorrem problemas na atividade pedagógica: dificuldades de aprendizagem, desinteresse, insatisfação, etc.

O importante é que se faça uma prática educativa consciente e participativa, de modo a que se formem seres responsáveis com a realidade em que vivem. Segundo CASTRO (1989:23):

"Na medida em que o professor se assume como sujeito de seu próprio trabalho em sala de aula, em que propicia condições para o aluno tornar-se responsável pelo conhecimento, o aspecto pedagógico e o político saem fortalecidos. Com essa atitude, o professor estará preenchendo as abstrações que caracterizam o livro didático quanto ao lugar, ao tempo e às classes sociais, pois estará agindo de acordo com sua convicção pedagógica, ao passo que o livro didático, em si, é um recesso pedagógico politicamente determinado pelos interesses das classes sociais, encobrimdo os protestos daqueles que defendem que a ciência só tem compromisso com a verdade."

2 - PROPOSTA DE NOVA METODOLOGIA AO ENSINO DOS MEIOS DE ORIENTAÇÃO E MEIOS CARTOGRÁFICOS

Para elaborar uma nova metodologia, adequada ao ensino da 5ª série, deve-se ter em mente o processo de desenvolvimento do pensamento da criança e sua percepção adquirida nas séries iniciais. Para isso, é necessário que se desenvolva no aluno o espírito de observação e análise de sua realidade, capacidade essa que se torna cada vez mais ampla na medida em que ele cresce. De acordo com ALMEIDA & PASSINI (1989:47):

"A criança constrói o conhecimento novo utilizando estruturas conhecidas como a ligação concreto x representação e se prepara para a utilização dessas noções em outras representações."

Todo conhecimento deve ser construído pela criança através de suas ações. Essas ações, em interação com o meio e o conhecimento anterior já organizado na mente, proporcionam a acomodação dos conhecimentos percebidos, que passam a ser assimilados em diversas fases.

2.1 - Noções básicas de orientação e cartografia

Estes tópicos basearam-se de forma geral nas obras de: ALMEIDA & PASSINI (1989) e ABREU (1985).

- Retrato: o aluno fará o desenho de seu corpo, que constituirá o seu primeiro mapa; após, utilizará fotos dos alunos para explicar a escala, relação do tamanho real com a foto.
- Desenho da carteira escolar: o aluno fará o desenho de sua carteira escolar, quando começará a usar a régua, passando a adquirir a noção de proporção real e noções de escalas.
- Planta da sala de aula: este trabalho também envolverá a observação direta e o trabalho da criança em perceber o espaço. Após ter feito o desenho da planta da sala de aula, o aluno desenhará sua classe. Utilizando as linhas coordenadas, ele ten-

tará localizar sua classe dentro da sala de aula. Por exemplo: minha carteira fica na segunda fila na quarta coluna. Este exercício é uma preparação para a leitura das coordenadas geográficas: latitude e longitude. Os alunos também medirão as paredes com barbante e o dobrarão tantas vezes quantas forem necessárias até que caiba no papel. Para representar a escala, o aluno deve anotar o número de vezes em que o barbante foi dobrado.

- Planta da escola: num primeiro plano, deve-se ter em mãos a planta oficial do prédio da escola. Após, deve-se percorrer o prédio, reconhecer as salas com suas respectivas funções e elaborar uma legenda para as diferentes funções. Dessa maneira, o aluno conseguirá utilizar a planta da escola confeccionada, ao reutilizá-la com a legenda, criando-se as primeiras noções de legenda.
- Planta da área da escola: partindo-se para um espaço maior e pela importância de se dar a noção de continuidade espacial, surge o estudo do mapa da escola, com seu terreno e tudo o que se localiza nele.

O objetivo principal desta etapa é a observação através do reconhecimento das unidades e sua localização. Deve-se reforçar mais a legenda que compõe uma lista de cores, números ou códigos para cada unidade. Aqui, compete ao professor explorar o espaço mapeado através de exercícios que desenvolvam no aluno noções de orientação e localização, como, por exemplo:

- mostre, na planta, por onde você entra quando chega;
- em que direção está o bebedouro da escola?
- Planta da comunidade (mapa): o aluno deverá ter em mãos a planta da comunidade onde mora (mesma da escola) ou, se ele não morar na mesma comunidade da escola, deverá ter a planta de sua própria comunidade. Após ter em mãos as plantas, os alunos deverão ultrapassar os conhecimentos anteriores obtidos com a planta e área da escola, acrescen-

tando-lhes outros dados: localização da escola na comunidade, nome de ruas, dos estabelecimentos, etc.

O aluno deverá, portanto, localizar os principais estabelecimentos e escolher um símbolo para representá-los na planta, criando novamente a necessária legenda.

- Mapa do Município: Os alunos deverão ser capazes de encontrar o bairro de sua escola, o bairro de sua moradia e, também, de fazer constatações como: eu já fui a este bairro, eu já fui a este supermercado, etc.

Outra sugestão apontada é que cada aluno localize sua casa e percorra, com um dedo, o caminho da escola.

ALMEIDA & PASSINI (1989:72) dizem que:

"... essa seqüência não deve ser seguida à risca dentro do princípio de inclusão de um espaço em outro maior, para que o aluno sinta a continuidade espacial."

- Mapa do Estado: no estudo do mapa, trabalha-se com a noção de envolvimento, porque ocorre a reunião de outros municípios. A partir daqui, o aluno já deverá estar capacitado a ler os mapas do Estado através da legenda.

O mapa, ao ser estudado, deverá ser colocado no chão da sala, para que os alunos não façam confusão entre subir e descer montanhas e ir ao norte ou ao sul.

- Mapa do Brasil (País): no estudo do mapa do Brasil, o aluno deverá ser capaz de entender escalas. O professor poderá pedir que descubram diferentes mapas do Brasil, com suas escalas, e façam comparações entre uma e outra.

- Mapa da América/América do Sul (continental): nesta etapa, o aluno começa a perceber que muitos países reunidos formam um continente. Aqui também o aluno poderá deparar com mapas em diferentes escalas.

Planisfério/Globo terrestre: esta etapa envolve a abstração do aluno, porque lhe aparece o mundo com todos os continentes e oceanos.

O trabalho com o globo terrestre deve ser realizado concomitante com as atividades de orientação da sala de aula, porque a compreensão da orientação norte-sul fica mais clara se mostrada no globo, pois acaba-se evitando a visão estanque e segmentada dos espaços, o que geralmente ocorre quando se parte do próximo (local do aluno) para o distante (outros continentes).

Se, nas séries iniciais, forem desenvolvidas essas etapas, na 5ª série o aluno não irá enfrentar problemas de abstração de conteúdos. Por isso, parece importante sugerir-se uma nova proposta para o ensino de Geografia. Num primeiro momento, propomos que os professores de Geografia não se baseiem exclusivamente nos livros didáticos, isso porque os autores desses livros não têm um maior comprometimento com a realidade do aluno. Os textos deverão trazer maneiras de o aluno trabalhar com os conteúdos em sua sociedade, o que facilitaria o desenvolvimento do seu espírito crítico e estimularia a sua criatividade.

Outra maneira de o aluno da 5ª série orientar-se pelos pontos cardeais é através do mapa, mesmo que esteja na fase da construção dessas noções (mapas).

Procedimento: deve-se colocar o mapa no chão da sala de aula e pedir que cada aluno se ponha de pé, em cima do mapa. Assim, o professor poderá explorar os pontos cardeais, questionando e explicando, ao mesmo tempo em que os alunos forem respondendo, que o norte não é o mesmo que em cima, isto é, a expressão "em cima" significa na parte mais elevada, na parte superior de alguma coisa, o que não é o mesmo que norte, direção cujo ponto de referência é o Sol.

A maior parte dos alunos da 5ª série tem a noção de que a superfície terrestre se apresenta num aspecto vertical. A partir dessa experiência, começa a ficar mais claro para o aluno que, na superfície terrestre, não existe "em cima" ou "embaixo", "lado esquerdo" ou "lado direito"; que mapa é apenas uma representação dessa superfície. O que existe são os pontos cardeais.

Segundo OLIVEIRA (1978:15):

"... o problema didático do mapa é que, em nível

de sala de aula, o professor utiliza como um recurso visual com o objetivo de ilustrar e mesmo 'concretizar' a realidade e recorre ao mapa que já é uma apresentação e uma abstração em alto grau do mundo real. Ao apresentar o mapa ao aluno o professor geralmente não considera o desenvolvimento mental da criança, especialmente em termos de construção do espaço."

- Orientação pela bússola: a melhor maneira de o aluno aprender como orientar-se por uma bússola é ele próprio construí-la em sala de aula. Para isso, ele deverá levar para as aulas de Geografia os seguintes materiais: uma agulha de costura, um pequeno ímã, uma fatia de cortiça (de uma rolha) e uma vasilha com água.

Os professores de Geografia devem estar atentos às inovações que ocorrem na ciência geográfica, como também utilizar os recursos disponíveis, usando técnicas variadas para as aulas, de modo a despertar maior interesse e participação dos alunos.

As noções de orientação, ministradas na 5ª série, são importantes para o aluno no seu cotidiano, como também para a localização dos eventos no espaço.

De acordo com ALMEIDA & PASSINI (1989:12):

"O trabalho de orientação e de representação cartográfica deve partir do espaço próximo para o distante, porém não de forma concêntrica, mas num cotejamento permanente entre essas duas instâncias."

2.2 - Orientação: Sol-bússola

É uma das maneiras pela qual o aluno aprenderá a se orientar. Num primeiro momento, o professor explicará o conteúdo. Após isso, passará à prática, na qual o aluno vivenciará o que foi discutido em aula. Para tal, solicitará aos alunos que se dirijam ao pátio da escola, dividindo-se em grupos.

A primeira atividade constará de observar o ponto em que o Sol surge e a direção do seu percurso até o momento do pôr-do-sol, pois é ele que nos dá a direção exa-

ta: norte, sul, leste, oeste, os denominados pontos cardeais.

Tomando o Sol como ponto de referência, podemos localizar qualquer ponto da Terra.

Após feita essa observação, os alunos estenderão o braço direito na direção em que o sol surge com a finalidade de localizar:

- Leste: para onde o braço direito aponta, local em que surge o Sol pela manhã;
- Oeste: o lado contrário, onde o Sol parece se esconder;
- Norte: o que fica à frente da pessoa;
- Sul: o que fica às costas da pessoa.

Tendo ainda o Sol como ponto de referência, o professor poderá, junto com os alunos, localizar:

- a frente da escola, a sala de aula, a posição dos alunos;
- suas casas, a Prefeitura, a igreja;
- outros lugares conhecidos pelos alunos.

Quanto à bússola, sendo instruído em como construí-la, o aluno tomará conhecimento de como orientar-se por ela. O procedimento é simples: esfregar a agulha no ímã, durante algum tempo, sempre no mesmo sentido; colocar a cortiça na vasilha com água e, sobre ela, a agulha. Ela girará até apontar a direção norte-sul.

No momento em que o aluno for trabalhar com a bússola, surgirão perguntas como: por que a agulha se mexe? Explicar que é para que ela fique na posição norte-sul. Ela se move por estar imantada e ser atraída pelos pólos magnéticos, próximos aos pólos geográficos.

Tomando-se como ponto de referência a escola, localizar, com os alunos, lugares conhecidos, mencionando que tal lugar fica ao norte da escola, tal outro lugar fica ao sul, etc.

2.3 - Escalas

A redução ou aumento de um ambiente é uma necessi-

dade básica do ensino de Geografia. O professor de Geografia, na 5ª série, ao iniciar o estudo de escalas, deve sempre partir de medições corretas, como, por exemplo: a medição da sala de aula e dos próprios objetos dela, utilizando-se o palmo, o pé, o passo dos alunos e tiras de papel. Assim, enquanto medirem, irão sentindo que o uso de medidas diferentes dá resultados também diferentes.

Caberá, então, ao professor determinar a uniformização do processo, solicitando que todos voltem a medir utilizando uma única medida e anotando-a imediatamente. Após a medição dos objetos e da própria sala de aula, surgirá necessidade de o professor explicar o porquê da existência de uma única medida padrão.

O professor deverá argumentar ao aluno que, se a sala de aula for medida pelo metro, todos saberão o seu tamanho real.

O que se faz, ao convencionar uma única medida, é permitir que se estabeleça uma relação entre o tamanho real da sala e seus objetos e sua representação no papel. Assim, 1cm no desenho poderá corresponder a 1 metro na realidade. Numa escala de 1:100, por exemplo, teremos que 1cm no desenho corresponderá a 100 metros na realidade.

Num segundo momento, passa-se a estudar os mapas em diferentes escalas. Aqui o aluno se dará conta do porquê da necessidade de usar a escala em mapas e, também, de se trabalhar com uma medida padrão.

Outra sugestão que se faz é a de levar os alunos ao pátio da escola e solicitar que desenhem, num papel, toda a paisagem que estão enxergando. Assim que eles terminarem, o professor fará uma série de indagações. Por exemplo: como vocês conseguiram desenhar toda paisagem numa pequena folha de papel? Aparecerão várias respostas, e o professor explicará que, ao desenhar uma paisagem, o aluno já estará reduzindo, embora sem utilizar medidas que facilitarão a sua tradução. Caberá, então, ao professor de Geografia reforçar os argumentos sobre a importância do trabalho com escala. Segundo DUARTE (1989:15):

"Todo mapa é uma representação convencional que apresenta os elementos do mundo real reduzidos se-

gundo uma proporção estabelecida previamente. E esta proporção entre o desenho e a superfície real que está sendo mostrada é o que se denomina de escala."

2.4 - Legenda

É um elemento cartográfico que também exige do aluno o poder de abstração para entender a simbologia usada, bem como sua correspondência com o espaço real.

O professor, antes de iniciar a falar de legenda, deve partir de experiências mais concretas: uma paisagem, por exemplo. Os alunos terão de observar e retirar conclusões.

Num segundo momento o professor pedirá ao aluno que reproduza, por meio de símbolos, a paisagem observada, sendo necessário reservar um pedaço da folha para a legenda, ou seja, o que cada símbolo está representando.

Aqui o professor sentirá que já tem condições de levar os alunos a entenderem a legenda dos mapas. O aluno da 5ª série, pois, deverá saber para que serve e como é feita a legenda, uma vez que a maioria dos livros didáticos a apresenta. Segundo SANTOS & LESANN (1987:27),

"... a legenda de um mapa é o elemento mais importante, pois compreende a tradução dos símbolos utilizados na representação das informações."

2.5 - Maquete da escola

É outra sugestão de trabalho que pode ser feito com os alunos. Tendo-se em vista que a maquete servirá de base para explorar os elementos vivenciados (escola) pelos alunos, serão necessários os seguintes materiais: caixa de fósforos, régua, barbante, tesoura, embalagens, papel colorido e lápis de cor.

Procedimento: divide-se a turma em grupos de, no máximo, três alunos, devendo cada grupo ficar responsável por uma determinada parte da escola. Antes, porém, a tur-

ma percorrerá todas as dependências da escola, reconhecendo o pátio, a quadra de esportes, as salas de aulas, os banheiros, etc. Nas dependências que possuam móveis, os alunos deverão observar e anotar as respectivas localizações, baseados em certos pontos de referência.

Num segundo momento, deverão fazer a maquete com as dependências da escola, de modo que nela se reproduza a localização exata de cada dependência e a posição correta dos móveis.

Estando pronta a maquete, o professor poderá explorar elementos de localização e distância, pela própria maquete, questionando, por exemplo: qual é a distância da sala de aula até a quadra de esportes?; em que local da sala de aula está localizada a sua carteira escolar?

2.6 - Caminho casa do aluno até a escola

É outro exercício que pode ser feito com o aluno. Como se trata do trajeto percorrido por ele diariamente, é interessante que, ao ver e rever, observe como se apresentam os elementos e os objetos com os quais se defronta a cada dia. De acordo com DEFENDI (1988:39):

"... esta sugestão contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança na fase de operações concretas."

Procedendo ao trabalho, o professor deverá pedir ao aluno que faça o desenho do caminho percorrido diariamente de sua casa à escola. O professor deverá solicitar, então, que o aluno não esqueça de colocar alguns pontos de referência, mencionando nomes de ruas, lojas, oficinas, etc.

Num segundo momento, o aluno deverá reconhecer o caminho de sua casa até a escola, na planta de sua localidade, assim como os pontos de referência. Poderá, o aluno, também, trazer para a sala de aula lápis de cor, marcando na planta o local exato do seu percurso casa/escola. Esse procedimento leva o aluno a um reconhecimento espacial maior de sua localidade.

Num terceiro momento, os alunos podem comparar as distâncias percorridas (mais longas, menos longas).

Após todas as práticas sugeridas, espera-se que o aluno seja capaz de interpretar plantas, cartogramas e mapas, pois, através deles, são vinculadas informações que devem ser analisadas e interpretadas dentro de uma perspectiva crítica. De acordo com PEREIRA et alii (1988:250):

"A geografia tem uma responsabilidade muito grande à medida que vincula uma determinada visão do mundo, particularmente a estudantes. Se o fizer de modo imperfeito, milhões de pessoas terão uma noção distorcida da realidade e, evidentemente, irão pensar e agir de acordo com ela."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais deste trabalho, propõe-se uma reformulação na metodologia do ensino de Geografia, principalmente no tocante à participação dos alunos, que deverá partir de suas experiências concretas, aquelas que fazem parte do seu dia-a-dia. Dessa maneira, o aluno adquire o hábito de analisar, expressar e participar, tornando-se mais fácil o entendimento da realidade.

Os livros didáticos e os programas são, na maioria das vezes, já ultrapassados e não correspondem à realidade. Há escolas que ainda adotam programas de 7 a 8 anos atrás, nos quais não existe nenhuma relação com a vida do aluno. Dessa forma, há necessidade de que cada escola reelabore o programa anualmente, de acordo com a realidade do aluno.

Outro problema enfrentado no ensino de Geografia nas escolas é que falta estímulo aos professores para atualizarem seus conhecimentos, já que a precariedade financeira que caracteriza esses profissionais determina sua vida sócio-econômica e impede seu aprimoramento cultural.

Salienta-se, também, que as universidades precisam cumprir o seu papel na formação dos profissionais, levando-os a pensarem de maneira crítica e atuando como agentes atomizadores do conhecimento.

Com base na geografia crítica, propõe-se, pois, uma educação com a participação ativa dos alunos, de modo que ele tenha condições de desenvolver sua capacidade crítica na análise do mundo em que vive. Pode-se dizer, enfim, que é possível trabalhar com a geografia crítica desde as séries iniciais, formando, assim, cidadãos conscientes no processo de transformação do espaço em que vivem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Angela V. de. Escala de mapa - passo a passo do concreto ao abstrato. Orientação, São Paulo, ICT-USP, 6:39-48, 1985.
- ALMEIDA, Rosângela D. de & PASSINI, Elza. O espaço geográfico ensino e representação. São Paulo, Contexto, 1989.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A evolução do pensamento geográfico e suas conseqüências sobre o ensino da Geografia. Instituto de Geociências-UFMG; 1982. (Publicação Especial nº 2).
- CASTRO, Marione do Carmo. Análise do conteúdo de geografia e apresentação de uma nova proposta curricular para a 5ª série e 6ª série. Passo Fundo, 1989. (Trabalho de graduação).
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. Perspectivas da Geografia. 2. ed. São Paulo, Difel, 1985.
- DEFENDI, Carmem Trombetta. Experimento sobre dimensão espacial nas séries iniciais do 1º grau. Passo Fundo, 1988. (Trabalho de graduação).
- DUARTE, Paulo Araújo. Escala: fundamentos. 2. ed., Florianópolis, Editora da UFSC, 1989.
- LUCCI, Elian Alabi. Geografia geral, astronômica, física, humana e econômica. 6. ed., São Paulo, Saraiva, 1985. (5ª série).
- MENDONÇA, Francisco. Geografia física: ciência humana? São Paulo, contexto, 1989.
- MORAES, Antônio C.R. Geografia: pequena história crítica. 3. ed., São Paulo, Hucitec, 1984.

- MOREIRA, Igor. Geografia nova - iniciação à Geografia. 16. ed. São Paulo, Ática, 1989. (5ª série).
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). Para onde vai o ensino de Geografia? São Paulo, Contexto, 1989.
- OLIVEIRA, Livia de. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. São Paulo, IG, 1978.
- PERREIRA, D. et alii. Maneiras de ver o mundo. Geografia ciência do espaço. O espaço mundial. 2. ed. São Paulo, Atual, 1988.
- SANTOS, Márcia M. Duarte dos & LESAN, Janice Giselé. A cartografia do livro didático de Geografia. Geografia e Ensino, Minas Gerais, UFMG, 7:3-38, 1985.
- VESENTINI, José William (Org.). O ensino da Geografia em questão e outros temas. São Paulo, Marco Zero, Terra Livre 2, AGB, 1987.